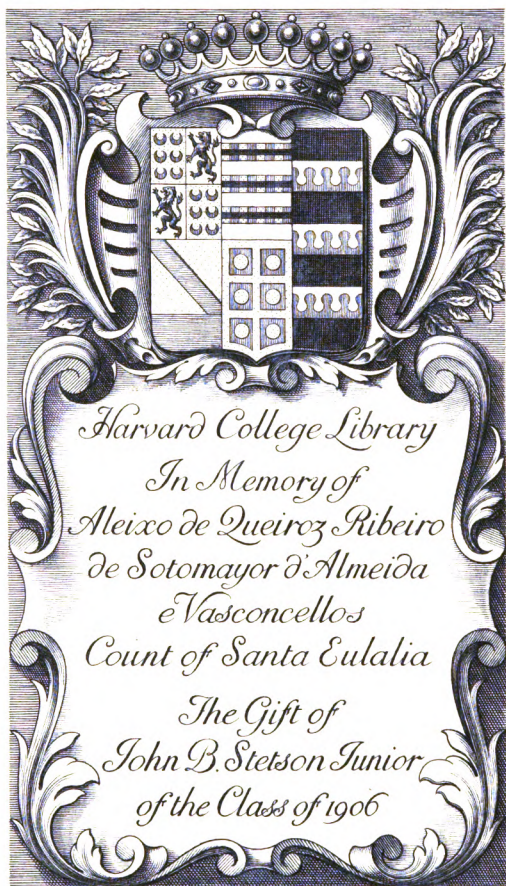


Noções Particulares para a Historia da
Emigração Portuguesa - 1830.

SA
5890
6





2
D. Miguel D. Peres
Dr

100
Cu - 40

NOÇÕES PARTICULARES.

72

NOÇÕES PARTICULARES

PARA A

HISTORIA DA EMIGRAÇÃO PORTUGUEZA;

OU

POLITICA, ADMINISTRAÇÃO, E DIPLOMACIA,

DOS

PRINCIPAES AGENTES DOS NEGOCIOS DE PORTUGAL

A

FAVOR DO IMPERADOR DO BRAZIL.

LONDRES:

VENDE-SE NAS LOJAS DE T. MUDIE, 15, COVENTRY-STREET,

HAYMARKET;

E DE SPRAT, 137, TOTTENHAM-COURT-ROAD.

1830.

.SA 5890.6

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

ADVERTENCIA.

Os actos contradictorios do Imperador do Brazil a respeito de Portugal, e os dos homens, que se achão ainda á testa dos negocios dos Portuguezes Emigrados na Europa, tem sido tantos, tão repetidos, e tão publicos, que nos dispensariamos de os colligir, se não fossemos impellidos, pelo abandono em que se achão os nossos compatriotas, a patentear ao mundo hum resumo dos mesmos actos. O mundo fará justiça ao sofrimento dos Emigrados, e conhecerá que as pessoas, que tem dirigido os seus negocios, não são por certo esses grandes homens de estado, que alguns aduladores, e serviz, ou por dependencia, ou lisonja, tanto se tem afadigado em apreçoar como taes.

Não hé o odio, nem a vingança que nos moverão a escrever, e publicar pela imprensa humas poucas de linhas á cerca do Imperador do Brazil, e dos seus chamados agentes em Inglaterra; hé o desprezo para com

os Portuguezes Emigrados, a pár de muitos erros, e de muita maldade, dos que tem a seu cargo a direcção dos negocios dos mesmos Emigrados, que nos obriga a romper o silencio, que áliás quizeramos guardar, sobre as seguintes noções, que podem servir para a Historia da Emigração Portugueza.

Diremos por ultimo, que no estado em que nos achamos devemos considerar-nos no meio deste dilemma—ou voltamos a Portugal, ou não:—se voltamos, cumpre que não continuem a infelicitar-nos aquelles, que por ineptos, e perversos até agora o tem feito:—se não voltamos, fique a conducta dos mesmos como lição aos nossos vindouros.

INDICE DOS ARTIGOS.

Dos poderes concedidos a hum Brasileiro, qual o Marquez de Barbacena, para tratar com o Governo da Gran Bretanha sobre os negocios de Portugal; e da conducta deste agente em Londres.

Do governo da Rainha menor a Senhora D. Maria da Gloria; e da regencia em nome de D. Pedro IV., em Inglaterra; e da outra regencia creada pelo Decreto de 15 de Junho de 1829.

Da Deputação que foi ao Rio de Janeiro pedir providencias ao Imperador do Brazil sobre as cousas de Portugal.

Da sahida dos Portuguezes Emigrados para o Brazil.

Da missão do Marquez de Palma á Europa, e da deliberação que tomou nesta occasião o Marquez de Barbacena.

Da chegada da Rainha a Senhora D. Maria da Gloria a Inglaterra; e do seu regresso ao Brazil.

Dos actos do Visconde de Itabayana na questão de Portugal.

Da conducta politica do Marquez de Palmella, desde 23 de Maio de 1828, em que se deo por demittido de embaixador de Portugal,

até 27 de Fevereiro do corrente anno, em que sahio para a Ilha Terceira.

Das acções de Joze Antonio Guerreiro como embaixador de si mesmo, conselheiro por devoção, regente por favor de hum amigo aquem trahio ; e ultimamente, como Nero dos Portuguezes Emigrados.

Das Letras, e da nova Tabella.

Da administração dos fundos, pertencentes aos dividendos do empréstimo de Portugal, postos á disposição do Marquez de Palmella.

Da actual situação dos Emigrados.

Das passagens mais notaveis de diversas correspondencias sobre o estado dos negocios dos Portuguezes Emigrados.

Londres,
20 de Maio de 1830.

N. B.—Circunstancias particulares ao author desta obra, o obrigaõ a publicar interpoladamente os artigos della, segundo elle crê mais acertado, e sem attenção á ordem das dattas. Com tudo, como todos elles haõ de vêr a luz do dia, o leitor os poderá depois coordinar segundo a ordem do indice.

Cada hum dos ditos artigos, ou mais de hum, segundo a sua extensão, occupará duas folhas de impressão.

J. M. & D. P.

64/a)

DOS PODERES CONFERIDOS
A HUM BRAZILEIRO,
QUAL
O MARQUEZ DE BARBACENA,
PARA TRATAR COM O GOVERNO DA GRAN BRETANHA
SOBRE OS NEGOCIOS DE PORTUGAL;
E DA CONDUCTA DESTE AGENTE EM LONDRES.

O MARQUEZ de Barbacena, tão famoso na guerra, como na paz; em tudo grande por seus feitos militares e politicos, como attestaõ muitas obras impressas no Rio de Janeiro, particularmente a do celebre Bacharel Cardozo, que, sendo mandado escrever por S. Exc. em seu louvor, com o fim de rebater as calumnias de seus detractores, teve S. Exc. de dár-lhe trezentos mil reis, além da despeza do papel e da impressaõ, para não fazer publica a dita obra, nem tão pouco mostra-la a pessoa alguma; e isto depois de ter sido corregida e augmentada por S. Exc., pois que o Bacharel Cardozo não se recordava de todas as acções gloriosas do seu heroe, taes como as que o immortalizáraõ na rua de João Pereira na Bahia, e nas margens do Camacuam e campos de S. Gabriel; obra que por certo faria a fortuna do nosso Cardozo, se lhe fosse permittido publica-la e vende-la; sim, o Marquez de

Barbacena, que nos faz lembrar muitas vezes os antigos Pares de França, e os *grandes homens da antiga monarchia Brasileira, de que falla a historia*; foi authorisado pelo Imperador, seu amo, para tratar com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal; porém não foi tão feliz nesta commissão como nas de empréstimos e casamentos, por que o Governo Inglez abanou-lhe as orelhas, e ficáraõ portanto baldadas todas as suas diligencias e fadigas, ainda que elle Marquez de Barbacena não teve outro trabalho mais do que assignar as Notas que se lhe faziaõ, e de receber as sommas que se lhe entregavaõ para o seu decente tratamento em Londres. Mas o nosso objecto hé mais serio, o nosso objecto não hé metter a ridiculo o Marquez de Barbacena, que póde sem duvida ter feito grandissimos serviços ao Imperador do Brazil; que póde sem questaõ ser considerado como hum novo Pitt por sua profunda politica e saber; e por hum General tão afamado como os da Escola de Marengo, e Austerlitz; que pode sem hesitação ser reputado como hum dos homens que, por sua elevação e cathegoria, e por se achar versado nos negocios diplomaticos e politicos das Nações, estava nas circumstancias de entrar em dicussão com o Governo da Gran Bretanha sobre assumptos tão importantes e delicados, como os que dizem respeito ao cumprimento de solemnnes Tratados; para isto tudo, e por tudo isto póde ser considerado o Marquez de Barbacena; o nosso fim porém hé outro, o nosso fim reduz-se a lastimarmos o estado de degradação a que chegamos nós os Portuguezes, que, existindo em Londres huma regencia e hum Embaixador, permittio-se que Felisberto Caldeira, *agente das nossas antigas colonias*, tratasse com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal! Naõ o

acredite a posteridade, mas sinta-o, e lamente-o a presente geraçãõ.

Diga-se muito embora que aquella regencia era illegal, e que por isso não podia nem sequer comprimentar o Governo de Inglaterra, quando este passasse por alguma das ruas de Londres, quanto mais tratar com elle sobre as cousas de Portugal; mas que, a pesar da sua illegalidade, os seus membros exerciaõ as suas funcções! Diga-se muito embora que esta regencia não passou de huma farça, em que todos os seus actores fizeraõ hum papel ridiculo e desprezivel aos olhos da Nação Inglesa, e dos Emigrados Portuguezes! Diga-se, em fim, tudo quanto se quizer dizer de huma regencia nulla de facto, e de direito; nulla de facto, por que não servia para cousa alguma na situação em que se achava collocada, e nulla de direito, por ser decretada em nome de quem não podia já chamar-se Rei: porem não se diga que não tinhamos hum Embaixador na Corte de Londres, ou, se o tinhamos, elle era taõ nullo e incompetente como aquella regencia, por se ter demittido de suas funcções diplomaticas, e não ter sido de novo recebido; querendo humas vezes acreditar-se com as credenciaes de hum Tutor, outras vezes com os diplomas de huma Rainha menor! Não se diga tal; não se diga que não tinhamos hum Diplomata em Londres, por que a dizer-se avança-se hum absurdo, huma contradição, em fim huma falsidade, á vista do muito que se tem dito, escripto e publicado sobre a existencia de hum Embaixador Portuguez junto de S. M. Britannica, o qual Embaixador, passando, não há ainda muito tempo por Dover, foi

ahi recebido, saudado e salvado como tal, e não a Princeza de Esterhazy, que não vinha de calções, nem era Embaixador.

Mas houvesse, ou não houvesse Embaixador em Londres; quizesse, ou não quizesse o Governo Inglez tratar com elle, não vemos que hum Brasileiro fosse a pessoa propria e adequada para tratar das cousas de Portugal.—“Os negocios correriaõ entaõ á revelia, e hoje estaria tudo perdido”—(diraõ muitos—) porém qual foi o resultado das reclamações do Marquez de Barbacena, perguntaremos nós? Todo o mundo o sabe; mas o que nem todo o mundo sabe, hé a nullidade do Imperador do Brazil, que nenhuma influencia tem nos Gabinetes Europeos; e que ao tempo em que o seu agente em Londres fazia reclamações ao Governo Inglez, fazia elle no Rio de Janeiro protestações aos Ministros de Inglaterra, e d’Austria, da sua intenção de annuir aos conselhos dos seus Alliados no arrançamento dos negocios de Portugal! Em todo o caso porém na falta de hum Embaixador, ou de hum agente Portuguez, ou mesmo de huma regencia legalmente constituida, para tratar com o Governo da Gran Bretanha, não vemos que hum agente Brasileiro fosse, como já dissémos, a pessoa propria para entrar em taes negociações, nem taõ pouco que da sua falta se seguisse prejuizo algum á causa da Rainha, e muito principalmente achando-se o Governo Inglez disposto, como se achava, a não annuir á prestação dos soccorros que se lhe pediaõ, fundado, bem ou mal, em que nem na letra, nem no espirito dos Tratados feitos com Portugal, ou em outra qualquer Convenção, existia obrigação pela qual a Gran

Bretanha devesse prestar esses soccorros. E se muitas vezes temos visto que o cumprimento de mui claros, e explicitos Tratados só se pede com as armas na mão, *que esperavaõ que conseguisse na Europa hum agente Brasileiro?*

Grande e respeitavel hé por certo a Inglaterra; grande e illustrado o seu Governo; grande tem sido em todos os tempos a sua influencia e preponderancia no Gabinete de Lisboa, e por ventura deixou algum Portuguez, digno deste nome, de lamentar a pessima politica de se terem dado plenos poderes a Sir Charles Stuart para o arranjo dos negocios do Brazil? Nem hum só Portuguez deixou entaõ de manifestar o seu desgosto por este passo do Governo Portuguez, considerado como offensivo dos interesses, do decoro e da honra da Naçaõ; mi- seria sobre a qual até os proprios papeis de Inglaterra, como o *Times*, fallaraõ largamente, ponderando de mais a mais, a circumstancia de ser Sir Charles Stuart ao mesmo tempo o agente da Potencia Mediadora, que se obrigava a manter o Tratado da separaçãõ, e independencia do Brazil. Ora, se nós os Portuguezes, nos démos entaõ por offendidos pela escolha que se fez de Sir Charles Stuart, que não era nenhum Felisberto Caldeira, mas hum Ministro de Inglaterra, e que já tinha sido Enviado Extraordinario junto da Regencia de Portugal, e membro d'esta mesma Regencia, para ir tratar, não com huma Naçaõ, porém com huma colonia nossa, que se havia revoltado, ou para melhor dizer, para ir tratar com o chefe de hum partido rebelde, e por consequencia com hum inimigo de Portugal, que nenhuma relações conservava na Europa, nem era considerado, ou tido em conta alguma pelas Potencias Es-

trangeiras; e que não tinha emfim existencia alguma politica; com quanta mais razão nos devemos dar por offendidos pela nomeação de hum Brasileiro, que foi daquelle mesmo partido rebelde, para tratar com o Governo de S. M. Britanica sobre o arranjo dos negocios de Portugal? Parece que o pudor, e a honra desapparecerão d'entre os Portuguezes! E que interesse pôdem, ou devem tomar as Nações por homens que insensivelmente tem perdido aquelle character nacional, que fazia a gloria do nome Lusitano, outr'ora tão famoso, tão temido e tão respeitado no universo? Parece que já não há hum Portuguez!

A natureza, e a diversidade das negociações não faz mudar a qualidade e circumstancias do negociador.—Charles Stuart será sempre hum Inglez; Felisberto Caldeira será sempre hum Brasileiro.

Não se diga que o Marquez de Barbacena vinha já munido desses poderes; que não havia tempo a perder; não se diga tal, por que todos sabem o contrario; todos sabem que o Marquez de Barbacena chegou á Europa sem essas instrucções, ou poderes de que tanto se tem fallado; que na falta de huma regencia, ou mesmo de hum Embaixador, existia entre os Portuguezes Emigrados hum ou outro, que, por seu saber e mais circumstancias, estava nos termos de poder desempenhar satisfactoriamente a missão de que se incumbio o Marquez de Barbacena, com tanto que esse Portuguez fosse competentemente authorisado; e finalmente, que mais tempo do que se tem perdido com as anomalias, e contradições de toda a ordem,

que a Europa e os Emigrados tem presenciado, não era possível perder-se, mesmo quando hum agente Portuguez nada conseguisse do Governo Inglez, assim como tambem não era possível consumir-se tanto dinheiro com menos utilidade.

E quaes foraõ as consequencias que se seguiraõ de conferir poderes a hum Brasileiro para representar na Europa; e quaes as vantagens que d'ahi resultáraõ á causa dos Emigrados? A nomeação de hum Ministro e Secretario de Estado, e outros despachos, sem o que nem o Marquez de Barbacena fazia de rei na Comedia, que se representou em Londres, nem o Marquez de Palmella de seu primeiro Ministro e Confidente! Quem tal diria? E digaõ ainda que os Brasileiros não saõ para nada. Quem a não ser hum Brasileiro faria hum Ministro de Estado em Londres? E quem a não ser hum Ministro de Estado de hum Brasileiro daria commendas e Cartas de Conselho em Inglaterra? Resta porém saber, se o barbeiro, e o moleque do Sr. Felisberto Caldeira tambem foraõ feitos Commendadores e Conselheiros, por que desta forma podiaõ dár-se Commendas e Cartas de Conselho a todo o mundo, inclusive aos subditos *vendiveis do Imperio Constitucional*.

Naõ se pense que gracejamos com objectos taõ serios e de taõ alta transcendencia: dizer que o Marquez de Barbacena, achando-se em Londres, noméara hum Ministro e Secretario de Estado para si, e por *hum carta regia*, hé dizer huma verdade que não precisa de demonstração, por que hé taõ clara como a luz do dia.

Que o Marquez de Barbacena fizesse o papel de rei na Cachoeira, e despachasse boticarios e fabricantes de moeda falsa em Barões, Condes, e Marquezes, não seria para admirar, por que no Brazil tudo se tem feito, e tudo se pode fazer; porém que se lembrasse de abusar de suas instrucções, se hé que as tinha, ao ponto de commetter taes escandalos, sem exemplo na historia dos poderes illimitados, ou do poder absoluto, e á face do mundo civilisado, com offensa dos Governos e da moral publica, hé o que espanta, e o que ainda hoje parece hum sonho!

Faremos huma reflexão á cerca dos poderes illimitados, de que o Marquez de Barbacena se dizia munido. A Rainha hia para Vienna d' Austria, como todos sabem, e o Marquez de Barbacena trazia poderes para nomear hum Ministro de Estado em Inglaterra! A Rainha chegou a Falmouth no dia 24 de Setembro; entrou em Londres em 6 de Outubro, e o Ministro foi nomeado em 2 de Janeiro, tres mezes depois da sua chegada a Inglaterra! Isto faz-nos lembrar aquellas celebres instrucções preventivas de que se achava munido o Visconde de Itabayana, em virtude das quaes o Imperador, seu amo, foi servido demitti-lo!

Desejamos fazer aqui ponto a respeito do Marquez de Barbacena; quizeramos lançar hum véo sobre tantas monstruosidades; desejamos em fim não ter olhos para vêr, nem coração para sentir; porém não hé possivel; a desgraça e a infamia a que nos reduzirão, e a humilhação a que nos leva-

raõ, fazendo-nos dependentes de hum agente Brasileiro, obriga-nos a proseguir a respeito do Marquez de Barbacena.

Tem-se louvado a escolha do Sr. Barbacena para tratar com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal; tem-se elogiado a sua conducta na Europa, apresentando-o aos olhos dos Emigrados Portuguezes como o seu salvador; tem-se dito que a elle, e a mais ninguem devem os mesmos Emigrados a sua subsistencia e a sustentação da sua causa, por que se não fôra elle estariaõ hoje no abandono, concebido e ordenado *pelo grande Imperador*, seu amo; tem-se allegado todos os seus actos passados, presentes e até futuros como outros tantos serviços relevantes feitos á causa da Rainha e dos Emigrados; tem-se enfim enramado o Marquez de Barbacena com todo o louro do mundo ! O mesmo Bacharel Cardozo não diria tanto do seu heroe. Tudo isto se tem dito do Marquez de Barbacena; porém nós sustentaremos sempre o contrario; diremos que o Sr. Barbacena terá feito sem duvida importantissimos serviços ao Imperador do Brazil, como dissemos no principio deste artigo (longe de nós contestar hum facto) mas nunca á causa da Rainha, nem aos Emigrados, mesmo não o considerando já como Brasileiro, males, alguns fez com a sua vinda a Inglaterra, serviços, nunca. E se não temos já provado isto de sobejo com o que deixámos expellido, entãõ, pondere-se o seguinte, que reduzimos a artigos para maior clareza e menos duvida.

1º. O resultado das reclamações feitas pelo Marquez de Barbacena.

2°. A triste situação em que se achou collocada a Senhora D. Maria 2ª., e o papel melancolico que fez em Inglaterra, como se prova dos discursos, que se publicáraõ em Londres, por occasiaõ do seu regresso ao Brazil, verificando-se á risca o que disse, por occasiaõ da sua chegada á Europa, a gazeta de Lisboa.

3°. Os embaraços que occorreraõ desde entaõ: a complicaçaõ e a desordem nos negocios, promovida por cada hum dos agentes, já no Rio de Janeiro, já em Londres, como se estivessem apostados a naõ obrar d'accordo.

4°. A ridicula figura que fez o Marquez de Palmella em Londres carregado de nomeações, a qual d'ellas mais absurda, mais contradictoria, e illegal; perdendo de dia para dia a confiança entre os Emigrados,* e essa tal ou qual influencia e consideraçaõ, que ainda tinha para com as Potencias Estrangeiras.

5°. A despeza feita em Laleham com hum estado inutil, e desnecessario, e com outros objectos, &ª. &ª.

6°. As privações que desde entaõ começáraõ a soffrer os Emigrados, e o progressivo augmento dos seus desgostos.

7°. As cinco mil Libras esterlinas gastas no Hotel de Ports-

* Alguem nos perguntará se elle M. de Palmella teve alguma vez a confiança dos Liberaes, ou se a sua conducta lha podia merecer?

mouth com huma mesa de estado, que a immoralidade não duvidou apresentar em contraste com a miseria, com a fome, e com a nudez de muitos dos nossos compatriotas em Plymouth, e Bruges.

8°. O convite para o Brazil, feito de bordo da Fragata Imperatriz, com promessas de generosa hospitalidade, mas com o perverso fim de reduzir os Portuguezes Emigrados á condição de colonos, como aconteceu aos que chegaraõ ao Rio de Janeiro.

9°. A actual situação dos Emigrados a quem cadavez mais se difficulta o pagamento dos seus subsidios.

10°. As immensas sommas consumidas ; o credito perdido, a opiniaõ perdida, e o tempo perdido.

11°. O estado, finalmente, dos negocios de Portugal.

Pondere-se por hum pouco sobre tudo isto que não são calumnias, nem aleives, que não são raciocinios ou vagas conjecturas, nem pomposos e eloquentes discursos ; porem factos passados aos olhos de todos, e infelizmente conhecidos de todo o mundo, e responda-se.—Quaes foraõ e tem sido os serviços feitos pelo Marquez de Barbacena á causa da Senhora D. Maria 2ª, e aos Emigrados ; e quaes os bens que resultáraõ da sua vinda a Inglaterra ?

E quem não vê por outro lado a injuria, que se faz á justiça

da causa quando se diz—que ao Marquez de Barbacena se deve o não estar hoje perdida—? E quem não vê o desacordo de algumas pessoas, quando assegura—que ao Marquez de Barbacena devem os Emigrados a sua subsistencia, quando estes mesmos Emigrados estão desde muito tempo lutando entre a fome e a miseria, pela falta de pagamento dos seus subsidios? Digaõ muito embora que o Sr. Barbacena, que nós apenas conhecemos pelos actos da sua vida pública, e que pôde aliás ser hum perfeito cavalheiro, fez grandissimos serviços ao Imperador do Brazil na sua vinda á Europa, por que hé hum facto ter vencido grandes difficuldades para effectuar esse casamento, depois de tantas repulsas das filhas das casas mais pobres e obscuras da Italia; mas não digaõ—que o Marquez de Barbacena fez serviços á causa da Rainha e aos Emigrados; nem taõ pouco—que ao Marquez de Barbacena devem os mesmos Emigrados o não se acharem hoje abandonados, e a sua causa perdida; digaõ tudo quanto quizerem do Sr. Barbacena, teçaõ-lhe corôas de rozas, erijaõ-lhe estatuas por toda a parte, e cantem os seus feitos politicos e militares, e mesmo as suas virtudes, por todas as ruas e Parks de Londres, menos que ao Marquez de Barbacena se devem serviços, que não fez.

Todavia não faltará quem impugne nossas humildes reflexões taxando-as de subversivas, e como tendentes e calculadas a prejudicar a causa da legitimidade; não faltará quem diga —“ O homem das noções não está na causa; vendeo-se; hé mais hum perjuro; hé mais hum infame.”—Sim, não faltará quem diga tudo isto e ainda mais; por que sempre foi esta a

marcha da vil dependencia, e muitas vezes do crime quando
alguem ousa levantar a voz da verdade a favor da causa pu-
blica, e não dos interesses particulares—*de hum ou outro sevandija*
com a mascara de Liberal. Em todo o caso porém, o homem das
noções, que não embaraça, nem nunca embaraçou, nem jámais
embaraçará os caminhos, e as avenidas por onde se especulaõ,
e esperaõ os empregos e as mercês, ficará immovel, e sofrerá
com resignação e paciencia os tiros da vileza, do odio e da
maledicencia, em quanto não publica outras noções.

D. Mz. e D. Palma
64 (c)

DA MISSAO

DO

MARQUEZ DE PALMA Á EUROPA, E DA DELIBERAÇÃO QUE TOMOU NESTA OCCASIAO O MARQUEZ DE BARBACENA.

A MISSÃO do Marquez de Palma á Europa teve por objecto —a cessação de todas as despesas com a questaõ de Portugal, e consequentemente dos soccorros aos Emigrados Portuguezes —levar sem mais demora, ou pretexto a Senhora D. Maria da Gloria para o Rio de Janeiro—ficarem de nenhum effeito as graças feitas em Laleham de camaristas, e medicos da camara, que effectivamente foraõ despedidos á maneira dos criados Inglezes, que tinhaõ sido tomados para o serviço ordinario da mesma Senhora—e desonerar o Marquez de Barbacena do negocio do casamento.—Esta foi em summa a missaõ do Marquez de Palma, o qual chegou a Londres no dia 19 de Agosto de 1829, achando-se já a este tempo concluido o casamento do Imperador, seu amo. O que entaõ se passou entre a chamada regencia, e o Marquez de Barbacena, hé taõ particular, e contem circumstancias taõ extraordinarias, e miudas, que

B

julgamos a proposito deixar para o fim deste artigo a sua narrativa.

Convém agora fallarmos do Marquez de Palma. O Marquez de Palma, que tão empenhado se mostrou na execução das ordens do Imperador, seu amo, e que tratou mal o Sr. Palmella, a ponto de lhe não querer aceitar hum jantar de familia, não recebeo aqui o melhor tratamento, o que era de esperar attenta a missão de que vinha encarregado: elle teve por tanto de ir para o Brazil na mesma embarcação, que o conduzio á Europa, não obstante a qualidade de Mordomo Môr da Imperial casa Brazileira, e mesmo não obstante vir nomeado Camarista da Senhora que *quizesse ser Imperatriz do Brazil*, dando a mão de esposa ao Imperador *Constitucional*, teve de ir, repetimos, na mesma embarcação, porque o Marquez de Barbacena não consentio que elle puzesse os pés nos seus estados, isto he, abordo da Fragata Imperatriz, que conduzia ao Rio de Janeiro a Senhora D. Maria da Gloria, e a nova Imperatriz, arranjada finalmente depois de tres annos de fadigas, e de trabalhos para achar na Europa hum Princeza, *que quizesse casar* com o Imperador do Brazil. Todavia o Marquez de Palma não se deu por offendido deste máu tratamento, porque recebendo aqui humas seis mil Libras esterlinas, por trazer a Londres esses bons despachos de seu amo, não quiz saber de mais cousa alguma, metteo-se abordo do seu Chaveco, e fez-se á vela para o Rio de Janeiro, deixando com tudo na Corte de Jorge IV. hum amostra da polidez da Corte do Brazil, pois que se não cançou em procurar os Ministros de S. M. Britanica, nem pessoa alguma da sua Corte!

Levou porem na sua companhia seu Irmao D. Thomaz de Mascarenhas, que sendo camarista não foi abordo da Fragata Imperatriz !

Muitas foraõ nesta occasiaõ as queixas contra o Conde de Sabugal ; por que sendo agente do Sr. Palmella no Rio de Janeiro, não soube dos despachos de que foi portador seu irmaõ o Marquez de Palma, vivendo em sua casa de cama, e mesa ; e andando de coche com o Imperador, pelo grande apreço que este fazia da sua pessoa, como se publicou aqui em Londres, em hum impresso ! Entaõ se disse que as charadas não davaõ tempo ao Conde de Sabugal, para saber o que se passava no Rio de Janeiro ; nem lugar ao Imperador para lhe communicar o que fazia a respeito de Portugal.

Trataremos agora do que occorreo entre a chamada regencia, e o Marquez de Barbacena. O Marquez de Barbacena olha para o Marquez de Palma, e com razaõ, ou sem razaõ, ri-se : o Marquez de Palma zangado, ou desconfiado, abaixa a cabeça, encolhe os hombros, e faz meia volta á direita : o Sr. Palmella, porem, não se ri, e mais desconfiado do que o Marquez de Palma, agarra nos cabeções do Marquez de Barbacena, leva-o para hum sala, e assim lhe falla : —E como hade ser isto das Letras Sr. Marquez ? Não lhe dê isso cuidado, Sr. Palmella, responde o Marquez de Barbacena, e continua—veja se encontra quem facilite ahi humas quarenta mil Libras, ou mais, que eu me responsabilizo pelo seu pagamento, com todas as condições que quizerem, que depois eu os farei suar para haverem o seu dinheiro.

A este tempo entra na sala Jose Antonio Guerreiro com o Marquez de Valença a traz, o qual se não via: he informado sobre o assumpto, declara a Patria em perigo, e propõe huma sessaõ permanente.—Grandes risadas do Sr. Valença—o qual pondo-se logo em pé sobre huma cadeira, tomou a palavra, e disse.—Para que hé huma sessaõ permanente? Eu não sei se a Patria está em perigo, o que lhes posso assegurar he, que a não vejo ha dois annos. Em perigo estamos nós coma vinda do Marquez de Palma; por outra, os nossos interesses hé que estão em perigo, e hé sobre este ponto que devemos tratar; esta hé que hé a verdadeira questaõ; esta hé que hé a razão das razões; este hé que hé o direito dos direitos; tudo que não for isto, hé fóra da ordem, e por tanto fora de proposito. Ouvi fallar aqui em sessaõ permanente! Não sabem que se nos metessemos em tal, teriamos de estar em sessaõ permanente seis mezes pelo menos, ate que chegasse a Londres a resposta do Imperador do Brazil ás nossas propostas? Qual seria o homem, ainda o mais robusto e o mais patriota, que tivesse a paciencia de esperar seis mezes por huma resolução do Rio de Janeiro, já não digo sentado n'huma cadeira, mas ainda mesmo passeando na sala? Proponho, portanto, huma sessaõ secreta, em lugar de huma sessaõ permanente, e de cinco minutos, se for possivel, por que sou doente, e desejo ver isto acabado—(approvado, depois de muitos apoiados; e todos a huma voz—estamos instalados em sessaõ secreta.)

SESSAÕ SECRETA.

O Sr. Palmella.—Tendo a palavra disse.—Como a sessaõ hé

secreta, e o momento hé critico, prescindamos de todas as formalidades exigidas n'uma assembléa legalmente constituida; proponho por tanto, que não haja Presidente, nem secretario—(approvado). Então vamos, continuou o Sr. Palmella, ao que importa.—As ordens do Imperador do Brazil, que se achão sobre a mesa, e de que foi portador o Marquez de Palma, equivalem ao abandono de Portugal: nestes termos he necessario avisar o Villa-Flor, para que abandone a Ilha Terceira, pois que não he justo que o sacrificemos. E quanto ás Letras, que tive a condescendência de aceitar, e que devem impreterivelmente ser pagas, espero que o Sr. Barbacena haja de providenciar o seu pagamento, antes de se retirar de Inglaterra, aliás terei de ir para o King's Bench.

O Sr. Barbacena.—O meu credito não está ainda de todo perdido, e creio que a minha firma ainda valerá para alguma cousa. Eu já disse ao illustre regente, que huma vez que houvesse quem emprestasse quarenta mil Libras ou mais, estava prompto a responsabilisar-me pelo seu pagamento, por que em chegando ao Rio tudo se arranjará.

O Sr. Valença.—Tenho a fazer já cinco proposições, qual dellas mais urgente.—1°. Que seja banido desta sala o nome de regente, bem basta a triste figura que temos feito; e de mais, se sonharem que he a regencia que trata de pedir as quarenta mil Libras, ou de contrahir hum emprestimo, ou emfim, que d'algun modo entra neste negocio, estou certo que não apparecerá hum shilling; táes são já os rumores e as desconfianças a nosso respeito.—2°. Que se chame o secretario

Balbino para lavrar a acta da presente sessão.—3°. Que cada hum de nós tome a palavra todas as vezes que quizer.—4°. Que se faça esconder em alguma casa o Marquez de Palma por bem, ou por mal.—5°. Que se desmintam, por hum impresso dos nossos, a sua chegada a Londres—e reservo-me para fallar sobre a materia.

O Sr. Guerreiro.—Approvo todas as propostas do Sr. Valença, excepto porem, a do secretario para escrever a acta da presente sessão; e a que diz respeito ao impresso desmintindo a chegada do Sr. Marquez de Palma.—Já se venceu que não houvesse Presidente, nem secretario, e neste caso seria irrisorio assentarmos agora n'uma cousa, para a desmanchamos d'ahi a meia hora.—Quanto ao impresso, acho summamente delicado hum tal arbitrio, por isso que he publica a chegada daquelle fidalgo *Brazileiro* a Londres: arriscamo-nos sem duvida não só a ser desmentidos, e com razão, pelos malditos Periodicos desta Capital, mas até a levar alguma batida do Times, que he o mais temivel de todos elles, e o que eu mais respeito: fundado, pois, nestas razões não admitto o impresso lembrado pelo Sr. Valença.

O Sr. Val.—Concordo que não haja secretario, huma vez que está vencido, que não haja secretario; mas proponho que venha o Sr. Balbino como Tachigrapho, para recolher o fino das nossas fallas.—Quanto porem ao impresso, não posso por principio algum conformar-me com a opiniaõ do meu illustre collega o Sr. Guerreiro. Convêm tanto desmentirmos a vinda do Marquez de Palma, por hum impresso, como realisarmos o

emprestimo, em virtude dos poderes que tem o Sr. Barbacena. Eu não receio que sejamos desmentidos, o que receio hé, que se não faça o empréstimo; e para este se fazer hé que lembrei, logo no principio da sessão, que se escondesse o Marquez de Palma por bem, ou por mal; e que desmentissemos a sua chegada á Europa. E se formos desmentidos, não vejo que d'ahi possa resultar desaire ás nossas pessoas: esconda-se o Marquez de Palma, e deixem fallar o Times, o John Bull, o Morning Journal, e quantos quizerem fallar.

O Sr. Palm.—Lamento que se esteja aqui perdendo o tempo com questões tão pueris.—Muito embora venha o Sr. Albino; porem opponho-me á publicação do impresso lembrado pelo Sr. Valença, pelas razões que expendeo o Sr. Guerreiro; e opponho-me taõbem a que se lance mão de violencia contra o Marquez de Palma, porque nos devemos lembrar que estamos em Inglaterra; approvo porem as outras proposições do Sr. Valença. (Approvadas sem mais discussão.)

ENTRA O SR. ALBINO,

e senta-se.

O Sr. Guer.—Eu considero o negocio arranjado; o Sr. Barbacena tem muitissimos creditos na Praça de Londres, e as Libras haõ de apparecer.

O Sr. Palm.—Duvido muito sabendo-se as difficuldades em que nos achamos.

O Sr. Val.—Pois não haverá mais algum asno que caia? (á

ordem, á ordem,) Não me chamem á ordem, que eu não disse cousa que scandalisasse.

O Sr. Guer.—Resta saber como hade ser feita a proposta, quem se hade procurar, ou quem se hade chamar a esta sala. O Sr. Balbino talvez se lembre d'algum seu amigo que queira, e possa emprestar a soma em questaõ, com as condições que quizer, pois que o Sr. Barbacena, segundo vejo, está disposto a fazer todos as sacrificios para valer ao Sr. Palmella.

O Sr. Balbino.—Talvez que o meu amigo de Baker Street queira fazer algum arranjo a este respeito. Eu lhe escrevo para vir aqui se V. Exas. saõ deste parecer.

O Sr. Val.—Irre com tanto Baker Street! Esse homem não he para nada; he hum papelaõ, conhecido como tal; he hum miseravel, e de mais, desgraçadamente elle sabe de todos os nossos podres; e he notorio que não entra em negocio algum sem grandes seguranças, e vantagens. Verdade hé, que quanto ás vantagens não poderia haver duvida, porque o Sr. Barbacena podia conceder-lhe todas as que elle quizesse; porem não se lembrem de semelhante homem.

O Sr. Balb.—Se me hé permittido ter a palavra, peço licença para fallar. (falle, falle.) Não posso admittir que se diga, que o meu amigo de Baker hé hum ente nullo. Elle tem prestado á nossa causa mui distinctos e relevantes serviços. Eu chamo a attenção de V. Exas. para o Belfast, que elle descobrio, e apromptou com hum desinteresse, e desvelo, que não se encontraria por certo em qualquer outra pessoa, que fosse encar-

regada de descobrir, e apromptar em dezanove dias hum Barco de Vapor em Londres! Chamo taõbem a attençaõ de V. Exas. para o zelo, e habilidade, que elle desenvolveo na promptificaçaõ dessas espingardas, que foraõ para o Ilha Terceira na Fragata Izabel; aindaque alguns malevolos, seus, e meus inimigos, espalharaõ que estas espingardas tem o mesmo prestimo, e a mesma idade do Belfast. Eu trato taõ somente de mostrar, que este homem naõ hé taõ insufficiente como se pensa.

O Sr. Guer.—Talvez dando-se-lhe huma commenda que elle por si, ou por outrem, faça o negocio.

O Sr. Balb.—Se V. Exas. estaõ dispostos a dár-lhe huma commenda, devo dizer-lhes, que há muito que elle suspira por hum Craxá; assim como pelo lugar de Consul Geral de Portugal em Londres. Alguns entenderes me tem já dado a este respeito.

O Sr. Val.—Já que se fallou no memoravel Belfast, assumpto sobre o qual eu desejava, que se guardasse hum perpetuo silencio, por muitos, e differentes motivos; protesto fazer em occasiaõ opportuna, huma indicaçaõ para esta assembléa pedir a algum poder executivo cá deste mundo, haja de ordenar huma séria investigaçaõ sobre as circumstancias, que precederaõ ao arranjo daquelle Barco, para virmos no conhecimento de certas particularidades, que ainda nos saõ occultas. Eu fui hum dos que naõ quiz ir ao Porto, e disso naõ estou arrependido. Todos sabem os bens que resultaraõ da tal expediçaõ, verdadeiramente de Vapor.

O Sr. Palm.—Peço a ordem : os Srs. que tem fallado estaõ inteiramente fora da questaõ.

O Sr. Guer.—Eu taobem peço a ordem ; tudo que naõ for tratar do emprestimo, he desordem.

O Sr. Val.—Eu levantei-me para responder ao Sr. Tachigrapho, cujo discurso importava hum ataque. He-me indifferente que se chame a esta sala o homem de Baker Street, ou para melhor dizer, Lord Puff, e que se lhe dem dois, ou tres Craxás, e ate huma Gran Cruz, porque nós temos tanto direito para fazer essas graças, como o publico para se rir do sujeito que as receber, e cahir em usar das insignias. Hé verdade que nós temos hum exemplo, que pode de algum modo desculpar-nos. D. João da Falperrêa fez-se commendador de todas as ordens, sem que ninguem se embaraçasse com isso. (á ordem, á ordem.) Hé forte mania, sempre que fallo sou chamado á ordem !

O Sr. Barb.—O Sr. Valença tocou n'um objecto que eu muitas vezes tenho lamentado. Quando em Gibraltar recebi a noticia dos desastres do Porto, duvidei por algum tempo da sua veracidade ; estive quasi a seguir para Vienna d'Austria, em vez de vir para Inglaterra ; mesmo em Falmouth o meu espanto foi grande ao receber a confirmação de hum acontecimento, que eu naõ podia acreditar ; tenho constantemente lamentado aquelles desastres, tanto pelas desgraças que dáhi se tem seguido, e que saõ notorias, como pelo mui bem fundado argumento que se pode, e deve necessariamente deduzir

de hum tal desfecho, e hé :—que a Nação Portugueza não quer o que então se proclamou.—Notarei taõbem que, por huma especie de fatalidade, as desgraças do Porto estenderaõ-se com incrível electricidade á Ilha da Madeira, que teve de succumbir sem disparar hum só tiro!

O Sr. Val.—Em toda a parte appareceu a ineptia a pár da fraqueza e do medo! Mas como não havia de succeder assim, se houveraõ militares, que atrahidos pelos conductores de algumas barricadas, que se achavaõ no poraõ da Fragata de Mr. Canning, deraõ aos calcanhares, pensando que deste modo tinhaõ salvado a Ilha com honra e gloria!

O Sr. Guer.—Torno a pedir a ordem : não he este o objecto da nossa discussaõ ; se o fosse, eu mostraria ao Sr. Barbacena, que todos os males nasceraõ da Junta, e não do Belfast.

O Sr. Val.—Conheço que esta não he a materia de que devemos tratar ; conheço que nada mais doloroso do que tocar nas profundas feridas, que a embecilidade de huns, e a cobardia de outros, abriraõ no seio da minha Patria ; conheço que o objecto da presente sessaõ, hé hum emprestimo, e não o nosso processo ; conheço tudo isto, mas a dôr que me dilacera o coração, as pungentes recordações, o triste quadro, que se me apresenta a todos os momentos, em huma palavra, a idéa horrivel dos males soffridos por tantas familias, dignas por certo de melhor sorte ; dá-me em fim todo o direito para manifestar os meus sentimentos sobre os fataes, e horrorosos acontecimentos do Porto. Nem eu seria homem, e de monstro teria

todas as formas, se deixasse de expressar estes sentimentos, sempre que a occasião mo permittisse, só por que podia desagradar aos authores de tantas desgraças.

Quem com justiça, ou sem justiça, projecta e leva a effeito huma revolução, contrahe desde logo o dever de a levar ao fim, disputando passo a passo com o contendor, até conseguir o seu triumpho, ou morrer com a espada na mão: para isto não he preciso ser Bruto, nem Cataõ; he preciso não ser embecil, nem fraco: fazer huma revolução para fugir, e comprometter; entrar n'uma revolução para fazer victimas, e fugir taobem; hé hum crime, e hum crime taõ grande, e imperdoavel, que em toda a parte hé punido de morte.

O Sr. Barb.—Não fallemos mais em semelhante assumpto. Veja Sr. Balbino se se lembra de outra pessoa, porque o seu amigo, pelo que tenho colhido da discussaõ, não serve.

O Sr. Balb.—Entaõ lembro-me do Silva. (apoiado, apoiado.)

O Sr. Guer.—Chame-se o Silva. (approvado)—

Depois de huma pequena discussaõ se devia, ou não, ser admittido o Sr. Silva á sessaõ secreta, ou se seria mais proprio nomear-se huma commissão de fazenda para tratar com elle em hum quarto contiguo á sala da sessaõ, sobre o emprestimo que se pretendia; decidio-se unanimemente, que fosse admittido na sala para assistir á sessaõ secreta.

O Sr. Val.—Proponho que venha o Lunch em quanto não chega o homem, porque isto naturalmente hade deitar para muito tarde; e não esqueçam as pastilhas de New Bond Street. (apoiado, apoiado, apoiado.)

O Sr. Barb.—Eu apoiei a proposta do Sr. Valença, porem tenho a fazer huma reflexão. Venha muito embora o Lunch com as pastilhas; mas não nos demoremos muito tempo á mesa, para que não pense o tal Silva, vendo-nos neste acto, que nós não tratamos de outra cousa senão de comer, e que por consequencia taobem somos capazes de engulir o emprestimo.

O Sr. Guer.—Hé sem duvida mui judiciosa a reflexão do Sr. Barbacena; porem devo ponderar, que o homem nada tem com a applicação do emprestimo: nós podemos dár-lhe o destino que quizermos huma vez que se diga, que hé abem da causa. O medo muitas vezes hé o motivo de se fallar. Entretanto, sou de parecer que por ora não haja profusão, e que venhão pastilhas só para o Sr. Valença.—(approvado.)

Depois de meia hora retirou-se o Lunch; e entrou na sala o Senhor Silva, deixando fora o seu Rabaõ; e dizem-lhe todos a huma voz—tome assento V. S.

O Sr. Guer.—Não repare V. S. na senhoria, que nós lhe damos, por que tencionamos dár-lhe a carta de conselho.

O Sr. Val.—E se fizer o milagre conte taobem com o

foro grande para seus filhos, e com huma commenda para seu sogro, que dizem ser hum Inglez muito capaz—(o homem está cahido, temos dinheiro, mas duvido muito que se paguem as Letras, e aos Emigrados—disse o Sr. Valença, esfregando as mãos, ao seu collega da direita.)

O Sr. Silva.—Mas, Senhores, qual hé o negocio?

O Sr. Barb.—Em duas palavras lhe vai a ser proposto—Eu tenho poderes illimitados do Imperador, meu amo, para tudo que for a bem dos negocios de Portugal: não temos actualmente fundos para occorrer ao pagamento das Letras, que o Sr. Palmella tem aceitado, e que devem ser infalivelmente pagas, para se não perder o credito; nem tão pouco para se satisfazer os subsidios aos Emigrados, ainda que isto não hé o que nos dá maior cuidado, a pesar da miseria, e da desgraça em que dizem elles se achão: mandámos pois chamar o Sr. Silva, para que nos diga se quer fazer hum emprestimo de quarenta mil Libras esterlinas, ou de maior quantia, com o premio, e commissão, e mais alguma outra vantagem, que for razoavel.

O Sr. Silva.—Eu não tenho a menor duvida de entrar em algum contracto a semelhante respeito, huma vez que o Sr. Barbacena tenha esses poderes, e que elle se faça com toda a legalidade, e com todas as garantias necessarias. Porem devo ponderar, que hé voz geral na Praça ter chegado a Londres o Sr. Marquez de Palma com ordens mui positivas do Imperador do Brazil, para cessarem todas as despesas com a ques-

taõ de Portugal : e neste caso, estou certo que todo e qualquer contracto que se fizer, hé nullo, e sem effeito.

O Sr. Val.—Naõ creia Sr. Silva em tal : o Marquez de Palma naõ sahio do Rio de Janeiro; tudo quanto tem ouvido dizer a semelhante respeito he falso, he forjado, e espalhado pelos nossos inimigos, que naõ cessão de nos apoquentar, procurando todas os meios de empêcer o andamento da nossa causa que, como sabe, nunca apresentou taõ bella prespectivà como no momento actual. Repito, o Marquez de Palma naõ veio a Inglaterra: isso que se diz naõ hé mais do que hum boato taõ absurdo, que por si mesmo se destroe; e senaõ diga-nos; já vio o Marquez de Palma? E por ventura pode entrar na cabeça de alguem, que achando-se o Sr. Barbacena na Europa, encarregado do casamento do Imperador do Brazil, este mandasse o M. de Palma para o mesmo fim? Pode isto entrar na cabeça d'alguem, e muito mais se nos lembrarmos da estima, e do conceito, que o Imperador faz de S. Exc.? E pode taobem entrar na cabeça de alguem, que o Imperador, que taõ desvelado se tem mostrado até aqui nas cousas de Portugal, mandasse o Marquez de Palma com essas ordens que dizem, e que em tal caso equivaliaõ ao abandono de huma causa, porque elle tanto se tem empenhado? O Marquez de Palma, que hé o Mordomo Mór do Imperador, e como tal jámais inseparavel du sua imperial pessoa, havia de sahir do Rio de Janeiro? Naõ creia em tal Sr. Silva; essa noticia que lhe deraõ, e que corre sem fundamento, só para nos inquietarem, vai a ser desmentida por hum

impresso nosso, que está a chegar da imprensa, e hé quanto basta para se não dever acreditar.

O Sr. Silva.—Já disse que não tinha duvida alguma em fazer o emprestimo que se pretende, e mesmo outro qualquer, huma vez que se me prestem todas as seguranças, sem o que não me he possivel entrar no negocio que se me propõe, não tanto por mim, como pelas pessoas a quem necessariamente hei de recorrer para apromptar as somas necessarias, pois não tenho fundos para empatar.

O Sr. Barb.—Ali sobre aquella mesa há hum Decreto, que o Sr. Guerreiro trouxe do Rio de Janeiro, authorisando hum emprestimo de huns poucos de milhões de crusados, para serem pagos por Portugal, mas por certos inconvenientes, que não são para aqui, nem vem ao caso, julgamos que não devíamos tratar de semelhante emprestimo : por outro lado, sempre se hia apurando alguma cousa do dividendo pertencente ao emprestimo de Portugal ; em fim, nunca esperamos o empate da venda do páu Brazil, e de alguns outros effeitos que sabe : porem agora que chegamos a hum verdadeiro apuro, e que todos os dias, e a todas as horas estão batendo á porta do Sr. Palmella as Letras que elle aceitou, sacadas pelo Sr. Villa-Flor, que taõ heroicamente tem sustentado, e defendido a Ilha Terceira, não do furor das ondas, mas dos seus inimigos ; hé necessario reccorrermos a hum emprestimo, embora se faça algum sacrificio. Se o Sr. Silva quer fazer o emprestimo dos milhões de que trata aquelle Decreto, ou outro qualquer, eu

naõ tenho duvida de lho fazer bom, logo que chegue ao Rio de Janeiro, responsabilizando-me desde já pela ratificação do Imperador, e pelo seu exacto cumprimento; para o que prestarei as garantias, e seguranças que quizer, na certeza de que tenho poderes illimitados para tudo; porem hade dár desde já as quantias que o Sr. Palmella lhe pedir para pagar as Letras, e os subsidios aos Emigrados.

O Sr. Guer.—Devo advertir a V. S. que o Sr. Barbacena he modesto ao ponto de lhe occultar certas circumstancias importantes. O Sr. Barbacena tem concluido, como sabe, o casamento do Imperador, vencendo insuperaveis difficuldades, e suplantando intrigas, que eu naõ posso agora mencionar; e se até aqui, pela sua grande influencia, e accesso ao Imperador, seu amo, dava a lei no Brazil como dez, agora a dará como cem.—Mais, o Sr. Barbacena acaba de receber pela Náu Ganges huma carta de amores do Imperador, agradecendo-lhe o casamento, e fazendo-o sciente da inquietação em que se achava pela sua demora, aponto de o estar esperando de dia, e de noite fora da barra do Rio Janeiro! He certo que nesta carta naõ falla S. M. Imperial em cousa alguma á cerca de Portugal, e a razáo disto salta aos olhos. O Imperador já deu todas as providencias que tinha a dár a respeito dos negocios d'aquelle Reino, e neste caso naõ tinha a tomar outras medidas. O estado dos negocios hé o mais agradavel possivel: há cousas que se naõ podem divulgar, por que estão em segredo, e por ora assim convêm; mas posso dizer-lhe, que se quizessemos ir sem Carta, há muito que la estavamos. E direi por ultimo ao Sr. Silva, que o Sr. Bar-

bacena tem todas as ideas de entrar para o ministerio logo que chegue ao Rio de Janeiro, e de fazer hum todo seu. Ora á vista disto, poderá haver duvida no cumprimento de todo e qualquer contracto, que se fizer com o Sr. Barbacena ? Naõ, por certo.

O Sr. Val.—Peço a leitura dos Decretos, e mais papeis, que se achão sobre a mesa.

O Sr. Guer.—Huma vez que as negociações estão pendentes, taes papeis envolvem segredo, e por isso opponho-me á sua leitura. (Aprovado sem mais discussão.)

O Sr. Palm.—Tenho-me abtido de fallar sobre o assumpto, por que naõ sendo eu o que heide prestar essas garantias, que o Sr. Silva exige, julguei que naõ devia fallar sobre a materia : agora porem, que a discussão está adiantada, sou obrigado a dizer ao Sr. Silva, apoiando-me no meu honrado collega o Sr. Guerreiro, que se o Sr. Silva estivesse em situação de poder entrar no amago, ou no intrincado labyrintho dos negocios diplomaticos e politicos, que tem passado, e estão passando actualmte pelas nossas mãos, estou certo que naõ hesitaria hum só momento em fazer hum emprestimo, naõ só de vinte milhões, porem de quarenta, se fosse necessario.

O Sr. Silva.—Ainda que eu naõ entendi taõ bem o Sr. Palmella, como os outros Senhores, que tem fallado, com tudo estou prompto a fazer o negocio.

O Sr. Val.—Levanto-me para fazer huma explicação ao Sr. Silva.—Aquella hé a lingoagem *própria* do Sr. Palmella, nem elle podia fugir para os termos vulgares; bem sabe o Sr. Silva que o politico por excellencia, o habil e consummado Diplomata, deve medir por hum compasso todas as suas palavras, e não se fazer jámais entender, nem tão pouco entendido, aliás não presta para nada. O Sr. Palmella queria dizer ao Sr. Silva, que não tivesse duvida em fazer o emprestimo, huma vez que o Sr. Barbacena se prestava a dár-lhe todas as garantias. Acrescentarei taõbem, que tudo quanto disse o meu esitmadissimo collega o Sr. Guerreiro, a respeito do presente estado dos nossos negocios, hé tão exacto, que as mesmas noticias encontrará o Sr. Silva no Quadrant, e nos circulos mais bem informados.

O Sr. Barb.—Então estamos d'accordo, e podemos ficar certos de que o Sr. Silva se presta desde já a dár os dinheiros necessarios, fazendo-lhe eu bom o emprestimo de vinte milhões, ou d'aquella somma que assentarmos, e com as condições que forem justas.

O Sr. S*.—Não tenho duvida, logo que V. Exc. assigne o contracto, de dár ao Sr. Palmella as quantias que lhe forem necesarias; porem advirto a V. Exc., que em todo o caso, o Brazil hade ficar responsavel pelo pagamento do emprestimo.

O Sr. Barb.—Nisso não haverá duvida alguma; mas como estamos a partir para Portsmouth, e eu precise ouvir sobre este negocio o Sr. M. de Rezende ali, querendo o Sr. Silva,

concluirmos o contracto, podendo de hoje em diante pôr á disposição do Sr. Palmella as somas que elle lhe requisitar; e advirto-lhe que o emprestimo será conservado em segredo presentemente, e não será publico sem o consentimento das altas partes contractantes.

O Sr. S'.—Estou prompto, e ao primeiro aviso me acharei em Portsmouth. (retirou-se.)

O Sr. Guer.—Proponho agradecimentos ao nosso Tachigrapho pela sua boa lembrança, (approvado, com grandes applausos da assembléa.)

O Sr. Balb.—Peço licença para fallar. (falle, falle.) Todos sabem o desinteresse, e a honra com que tenho servido a Nação n'esta ultima epocha, e o zelo com que me tenho empregado no real serviço de V. Exas.—todos sabem que não sou capaz de entrar em negociações improprias do meu character, e improprias do cargo que occupo—todos sabem que não tenho arredado do Strand hum shilling sequer :—todos sabem finalmente as privações que soffro, não podendo pagar ao açougue, nem ao padeiro: peço portanto o ser contemplado na repartição do dinheiro, que o meu amigo Silva puzer á disposição do. Sr. Palmella.

O Sr. Barb.—Acho muito justa a petição do Sr. Balbino; saõ de sobejo publicas, e notorias as suas precisões; porem devo dizer-lhe, que se entenda a este respeito com o Sr. Palmella. (approvado.)

O Sr. Val.—Proponho que saia da sala o Sr. Balbino, visto não ser já preciso, e a sessão estar a finalisar, (approvado, e sahio o Sr. Balbino.) E continuou o Sr. Valença.—Reservei-me para fallar no fim, e serei resumido. Vejo que está concluido hum emprestimo, e que portanto temos dinheiro; mas taobem vejo que as Letras, e os Emigrados jamais seraõ pagos, (á ordem, á ordem, á ordem—de todos os lados.) Quero fallar, estou na ordem, ninguém mais do que eu respeita a ordem, e por isso posso fallar; e de mais, eu sou inviolavel nas minhas opiniões, nem aqui está o Sr. D. Francisco de Almeida *para me fazer huma accusação, ou perseguir-me lá fora como calumniador*. Proponho pois a bem da causa, e dos Emigrados, que se convoquem tres Negociantes portuguezes da Praça de Londres, de reconhecido credito, e patriotismo, a fim de formarem huma Commissão para receber todos os dinheiros, ou tê-los á sua disposição, que hé a mesma cousa, e fazer todos os pagamentos que forem competentemente authorisados por nós; devendo a mesma Commissão formar huma escrituração de receita, e despeza, e proceder, em huma palavra, a todas aquellas operações que saõ inherentes a huma cousa que em portuguez se chama—ordem, arranjo, e legalidade—sem o que jámais poderá haver boa administração, e mais vale tarde, que nunca: e se agora há escassez de dinheiro, tanto maior attenção deve merecer este objecto, pois que não hé justo, que huns comaõ tudo, e outros morraõ á fome, como infelizmente está acontecendo. Nada de contas de sacco, nada de arbitrariedades, nada de ter o dinheiro á disposição de hum só homem sem responsabilidade, de hum homem que quando se lhe pede hum documento, responde—que o não pode apresen-

tar, por que não apparece, ou porque nunca existio! Huma confusão, huma desordem, em fim, hum cahos calculado, que equivale a huma voracidade sem limites! Devemos, portanto, afastar todo o odioso, que possa recahir sobre nós, pela má distribuição e applicação dos dinheiros, que são postos á nossa disposição.

O Sr. Guer.—Não posso por principio algum conformar-me com a opinião do illustre preopinante o Sr. Valença. Em primeiro lugar, os dinheiros não são postos á nossa disposição, mas sim á do Sr. Palmella, como embaixador, e neste caso hé claro, que não somos responsaveis por actos, que se não podem dizer nossos, dado o caso, o que não he possivel, da má applicação dos dinheiros—Em segundo lugar, o systema economico—administrativo—e politico—até agora adoptado, hé o mais conforme, compacto, coherente, e legal, como tem mostrado a experiencia; nem era possivel descobrir outro melhor em contabilidade—O Sr. Palmella quer dinheiro, isto he, tem de destinar esta, ou aquella somma, para objectos secretos do real serviço, como os que dizem respeito á alta Policia; tem de ordenar este, ou aquelle pagamento, em beneficio da segurança publica; tem de applicar esta, ou aquella quantia, a favor de hum, ou outro descobridor de moeda falsa, e muitas vezes de quadrilhas de salteadores; tem de dár este, ou aquelle premio, a hum delator, &c.—V. Exc. taobem quer dinheiro, por que naturalmente quer receber o seu ordenado não só em dia, mas adiantado— eu taobem quero o mesmo, por que sempre ouvi dizer, que a caridade bem ordenada começava por nós; que expediente mais

prompto, mais rapido, e que menos embaraços offereça, do que ter o Sr. Palmella o dinheiro no Banqueiro Cuttes á disposição do seu secretario Balbino, para ser entregue aos portadores dos seus checks? Quer o Sr. Valença dár a saber ao povo da Emigração, que estamos pagos em dia, e que temos mensalmente a mesquinha quantia que sabe? Quer ficar dependente de tres Negociantes, que podem ser tres malcriados, não obstante os costumes, e usos Ingleses; e que n'um accesso de loucura podem publicar aquillo, que tanto devemos occultar? Não repara o Sr. Valença, que estamos n'um Paiz, aonde pela imprensa, que eu tanto detesto, como se sabe, podemos ser horivelmente batidos, e não sei se lhe diga, desmascarados, sem termos resposta alguma a dár, nem tão pouco poder vingar-nos? Pensa que estamos em nossa casa, aonde podiamos fazer o que quizessemos, sem receio de nos tomarem contas, ou de nos arguirem? Não vê que estamos em Inglaterra aonde as Leis, pelo que temos feito, protegem mais os nossos inimigos, do que as nossas pessoas? Por todos estas razões despréso in limine, não a proposição do Sr. Valença, porem o seu despropósito.

O Sr. Val.—Não me admiro (foi interrompido.)

O Sr. Barb.—Já me tinha levantado para fallar. Acho de grande peso as razões produzidas pelo Sr. Guerreiro: sou portanto de parecer, quanto ao objecto em questão, que se siga o mesmo methodo, ou systema até aqui adoptado. Certamente elle hé o mais simples, e adequado ás nossas circumstancias: nada mais desagradavel do que pedir a outrem

aquillo que está na nossa mão. O systema offerecido pelo Sr. Valença, seria optimo em qualquer outra conjunctura, mas no presente estado de cousas, hé inteiramente inutil, e desnecessario. Eu mesmo tenho de fazer aqui algumas despesas extraordinarias, e outras em Portsmouth, que não admittem delongas, nem rodeios—E que pode acontecer de seguir-se o mesmo systema, fallarse? Não se tem já fallado, gritado, e ralhado bastante? O merito consiste na coherencia; ralhem, fallem, e gritem muito embora, nós devemos ser coherentes. E bom será ir já notando esses falladores, como perturbadores da boa ordem, para em tempo competente. . . . não sei se me percebe, Sr. Guerreiro? V. S.^a já foi ministro da justiça, e sabe melhor do que eu como essas cousas se arranjam. Estou certo que no lugar em que o Sr. Guerreiro se acha actualmente, fará os maiores prodigios—dirá, por exemplo, n'um Bulletin, ou n'uma Proclamação, ou mesmo n'uma Circular aos Ministros Territoriaes, e da Côrte, que fará depois publicar na Gazeta—nada mais offensivo da moral publica, do que a espionagem—e redobrá logo a espionagem—repetirá aos amigos, e sempre que se ache em publico—nada mais inutil n'um systema constitucional, do que hum Manique—e terá logo vinte Maniques, e outros tantos Aleixos—horrorisar-se-há sempre que ouvir fallar em denuncias em segredo—e admittirá logo as denuncias em segredo, &a. &a. Desviei-me do objecto em que estão, por que o affecto que consagro ao Sr. Guerreiro, obrigou-me a fazer o elogio do seu mui alto, e distincto merecimento.

O Sr. Palm.—A lembrança do Sr. Valença hé judiciosa ; eu não a reprovo, dezejo muito essa Commissão ; estou certo que não faltará quem a desempenhe ; não me opponho portanto ao seu estabelecimento ; porem hade-me assegurar primeiro o Sr. Valença—que o nosso corpo diplomatico será pago em dia ; e que sobre este negocio, como em todos os outros objectos particulares do real serviço, que exigem segredo, e a que nós os Diplomaticos costumamos chamar—de Gabinete—os taes negociantes, ou pessoas, que formarem a commissão, jamais revelaraõ o sigilo, que he indispensavel guardar sobre taes objectos. Huma vez que o Sr. Valença me assegure disto, eu requieiro que a Commissão seja decretada hoje mesmo.

O Sr. Val.—Não me cançarei em combater, e refutar as razões, que se tem produzido contra a minha preposta—porque além de me achar cançado, não quero perder a paciencia, nem o tempo : concordo portanto, com os principios machiavelicos da diplomacia da direita, e do jesuitismo da esquerda ; (foi chamado á ordem vinte e cinco vezes) porem haõ-de permittir-me huns, e outros Senhores, que eu fique convencido de que o methodo até aqui adoptado, hé o mais simples, e claro, o mais engenhoso, e admiravel ; por que hé sem questaõ, livre de todos os escruplos, e decide todas as duvidas. Não concordo todavia com a audacia do Sr. Guerreiro : as suas expressões grosseiras, e atrevidas (á ordem, á ordem, á ordem) Heide fallar, e fallo pela ultima vez, para descargo da minha consciencia. Ninguem mais do que eu conhece o ridiculo da Farça em que infelizmente

tenho representado há mezes á esta parte, e por isso ninguém mais do que eu deseja vêr-se para longe deste lugar : (fóra, fóra, fóra ; de ambos os lados.) Qual fóra, nem meio fóra ; heide (foi interrompido.)

O Sr. Barb.—Eis aqui os inconvenientes que offerece huma assembléa sem hum Presidente, e sem hum secretario, e sem hum regulamento interno ! Cahi nesta, mas não cahirei n'outra, por certo. O Sr. Valença tem divergido muito além dos limites prescriptos pela prudencia, e pelo respeito. O Sr. Valença tem-se constituido réo, não digo de lesa-Magestade, mas de lesa-assembléa ; está pois no caso de hum processo : voto portanto pelo processo. (apoiado, apoiado.)

O Sr. Palm.—Porquem são, lembrem-se que estamos em Londres, e que ao mais pequeno rumor teremos essa rua cheia de populaxo Inglez, exigindo vêr-nos como se fossemos alguns animaes. O Sr. Guerreiro não fez mais que manifestar o seu dissentimento ; elle não quiz, por certo, atacar o Sr. Valença, e neste caso não deve o Sr. Valença dár-se por offendido da divergencia do Sr. Guerreiro. Deixem-se portanto de questões ; pensem hum pouco nas delicadas circumstancias em que nos achamos ; accomodem-se, lembrem-se que o emprestimo está concluido ; e acabe-se isto em bem, não demos argumentos para a intriga ; evite-se em fim hum desaire não pequeno, qual o de hum ajuntamento britanico á porta do Palacio do governo, em South Audley Street.

O Sr. Guerreiro.—Casos extraordinarios, exigem medidas extraordinarias : voto pelo processo ; e proponho que o Sr.

Valença seja posto fóra da sala, quanto antes. (apoiado apoiado.)

O Sr. Val.—De cima desta cadeira não sahirei nem a páu sem primeiro acabar o meu discurso.—Tudo quanto aqui se tem feito, hé nullo; (grandes gritos na assembléa) tudo hé nullo, porque nunca estivemos legalmente constituídos; (grande sussurro) esse mesmo emprestimo, que se vai contrahir agora, hé mais hum engano; (morra—não se soube se esta voz tinha sahido do lado direito, se do lado esquerdo,) e fez-se com o mesmo direito, com que se tem feito commendadores, e conselheiros—por todas estas razões, tenho a fazer hum (interrompido.)

O Sr. Barb.—He indispensavel tomar huma deliberação a respeito do Sr. V.: proponho que seja posto fóra da sala violentamente, e sem perda de tempo. Hum exemplo moderno authoriza esta medida; a differença está em não termos Grnadeiros, ou Gendarmerie, porem temos Watchmen, que hé a mesma cousa.

O Sr. Guer.—Para o pôr fora da sala basta o Jorge, (aprovado.)

Toca-se a campainha, entra o Cocles e diz.—Que querem V. Exas.? Chamé lá o Jorge.—Sim Sr., responde o Cocles, e dá este recado.—Meu amo recomendou-me que dissesse a esta assembléa, que se não esquecesse do seu requerimento. Quem hé seu amo, pergunta o Sr. Barbacena? Hé o Sr.

Balbino, responde o Cocles. Va-se embora, não seja tolo, tornou-lhe o Sr. Barbáena.

Entra o Jorge, [pega no Sr. Valença ao colo, e põe-no fóra da porta.

O Sr. Barb.—Agora que está restabelecida a ordem na assembléa, devo dizer por ultimo ao Sr. Palmella, que nada tenho com as cousas de Portugal, nem com as Emigrados, que podem, segundo a opinião do Sr. Guerreiro, comer batatas, ou ir tratar da sua vida; por tanto, disponha V. Exa. do dinheiro do empréstimo como lhe parecer, applicando-o aos objectos de maior urgencia; e lembre-se do Sr. Guerreiro, visto elle estar d' accordo; e lembre-se também da petição do nosso Balbino.—E quanto ao cumprimento do que se ajustou com o Silva, lá no Rio veremos como isso hade ser.

O Sr. Guer.—Como a presente sessão está acabada, proponho que se mande huma Deputação ao Rio de Janeiro, para dar parte a S. M. Imperial dos nossos trabalhos: e felicita-lo pelo desvelo comque procura fazer a nossa fortuna.

O Sr. Barb.—O Sr. Guerreiro não se lembra certamente que eu estou a partir para o Rio, e que neste caso he desnecessario mandar huma Deputação ao Imperador.

O Sr. Guer.—Tem V. Exa. muita razão; retiro a minha moção, e proponho que V. Exa. leve á presença de S. M. Imperial a conta dos nossos trabalhos, e a felicitação de que tratei. (approvado.)

A este tempo sente-se fora grande rumor, e no mesmo momento he sorprendida a assembléa por hum grande numero de pessoas, que entraõ tumultuariamente na sala, em grandes gritos, e com o Sr. Valença no ar. S. Exa. pede entaõ que o deixem ir para sua casa, visto achar-se mui fatigado, e não poder por isso acabar o seu discurso, na forma que pertendiaõ as pessoas, que tinhaõ na mão o Sr. Valença como em triumpho. Retirou-se pois o Sr. Valença, acompanhado de seis individuos, ficando trinta na assembléa.

O Sr. Barbacena em attitude guerreira, e presumindo achar-se no mesmo apuro em que se achou certo General Francez, que com promessas de protecção até limpou a prata das Igrejas; assim falla ao ajuntamento.—Que delirio hé o vosso? Esqueceis-vos que o grande Imperador, meu amo, enviou-me á Europa para vos proteger, e que eu vos tenho protegido?—

Não foi possivel ao Sr. Barbacena continuar na sua falla, por ter sido interrompido, pelo seguinte Coro de trinta vozes emigrantes.

Conheceis que sômos Emigrados, e assim nos fallais? Que ousadia! Acabou-se o sofrimento: depois de tantos males, hum Protesto nos chamou ás armas, huma Junta, e hum Belfast nos acabaraõ de perder

A este tempo salta hum dos trinta á cadeira do Sr. Valença, e ahi desenrola este speech.

“Do seio das desgraças, e dos infortúnios, não sahirá alguma lição que vos seja proveitosa? Ignorais por ventura que tudo que fazeis hé recebido com desgosto; e tudo que dizeis só encontra incredulidade? Ignorais que a vossa authoridade, que não infunde nem respeito, nem obediencia, tem sido tão sómente nominal? Ignorais que os Emigrados Portuguezes estão cançados de vos vêr, e que o mesmo bem lhe parece mui caro, se tem de o comprar com a prolongação do vosso despotismo? Ignorais que depois de haverdes descontentado a todos os Emigrados, punis ainda as suas queixas, a sua fome, a sua miseria, e a sua desgraça, como crimes, substituindo a hum regular distribuição de soccorros, o abandono, e o desprezo? Pode acaso esquecer a alguem a má administração dos fundos que tem sido postos á vossa disposição; as vossas mentiras, os vossos embustes, e os vossos enganos? Pode acaso esquecer a alguem as vossas contradições, signal de incapacidade; a audacia de alguns dos vossos empregados; e a mistura, finalmente, de fraqueza, e atrevimento, de nimia complacencia para com huns, e de insolencia para com outros? Não, por certo.”

“Esta tem sido a vossa conducta; e eis-aqui o que vos tem collocado em hostilidade com os Emigrados Portuguezes, e o que torna o vosso poder perigoso em toda a parte.”

Acabado este discurso sahiraó da sala os trinta individuos, na melhor ordem possivel; e o Sr. Barbacena rompeu nestas palavras.

“Nunca na minha vida sofri maior insulto; confesso que me não torno a metter n’outra; não foi-o tal speech, que me fez suar, foi o Coro, porque nunca vi homens mais desafinados; nunca pensei que huma sessaõ secreta acabasse por semelhante modo; em fim acaba-se já esta maldita sessaõ, e abalemos d’aqui para Portsmouth, quanto antes.” (Approvado, e assim se deu por finda esta sessaõ, que teve lugar no dia 21 de Agosto de 1829.)

D. Mij. e D. Pedro
(64/6)

DAS LETRAS, E DA NOVA TABELLA.

DAS LETRAS, E DA NOVA TABELLA.

FALLAREMOS no caso das Letras, e da nova Tabella. As Letras sacadas pelo Conde de Villa-Flor, aceitas e não pagas pelo Marquez de Palmella, bem como as outras, que não foraõ por este aceitas, não procedem só dos viveres e effeitos, que se compráráõ na Ilha Terceira, nem das munições de guerra, que se apromptáraõ em Inglaterra para aquella Ilha, nem dos dinheiros que se pediraõ, ou para melhor dizer, que se extorquiráõ a alguns dos habitantes da Ilha Terceira, nem taõ pouco das sommas facilitadas pelos negociantes e proprietarios Portuguezes, que foraõ chamados e convocados a huma reuniaõ pelo Marquez de Palmella, a qual teve lugar em South Audley Street em Outubro do anno passado; procedem tambem das quantias, que na boa fé algumas pessoas entregáraõ na Ilha Terceira ao Conde de Villa-Flor, para as fazer entregar a diversos em Inglaterra, de maneira que há Letras de oito e dez Libras, que procedem disto, e que não foraõ pagas! E se dissermos que parte deste dinheiro foi dado na Ilha Terceira, para matar a fome a alguns Emigrados, aquem se não pagava o seu subsidio, poderá alguem acredita-lo? Mal pensaria entaõ hum filho, que soccorria seu Pai, hum amigo, que acudia a outro amigo, que este dinheiro, sagrado por tantos titulos, jámais seria entregue! Que honra! Que humanidade! Que esperanças!

Todos os possuidores de taes Letras tiveraõ em resposta na chamada embaixada—"Que estas Letras, que não tinhaõ sido aceitas, estavaõ no caso das vencidas, que não tinhaõ sido pagas, e que assim esperassem pelo seu pagamento, o qual teria lugar hum dia."—Hé para notar que esta resposta foi dada só depois do Marquez de Palmella se ter ausentado de Londres, por que até o momento da sua sahida para a Ilha Terceira, tanto elle M. de Palmella, como o Doutor Guerreiro, e os seus salafrarios, asseveravaõ aos apresentantes de taes Letras, e aos Emigrados que fallavaõ neste negocio—"Que não obstante as Letras não serem aceitas, ellas hiaõ a ser pagas immediatamente."—Convinha pois illudir os possuidores de humas, e outras Letras, com estes e outros estratagemas até o momento da sahida do M. de Palmella para a Ilha Terceira, sahida que nestas circumstancias não foi outra cousa mais que hum fuga, como geralmente se disse, se espalhou e se sustentou; por meio da qual fuga, sahida, ou como lhe queiraõ chamar, o mesmo M. de Palmella cortou todos os embaraços, e ficou livre de outras historietas, que lhe davaõ cuidado e roubavaõ o socego, aliás ninguem o arrancaria d'aqui, e ainda hoje o teriamos em Londres.

Notaremos que hé tal a posição dos individuos de South Audley Street; hé tal a convicção das suas atrocidades, que quando apparece hum, ou outro, disposto apatentea-las ao mundo, não vaga e indeterminadamente, como costumaõ fazer os mentirosos de profissão, os calumniadores e os perversos, mas com as provas na mão, o medo e o susto de serem desmascarados, e convencidos de suas iniquidades, os obriga como

delirantes a praticar outros tantos actos não menos injustos, escandalosos e infames. O seguinte facto hé a prova desta verdade.

F entregou ao Conde de Villa-Flor, ou ao Major Mendes, que hé a mesma cousa, 14 Libras para serem entregues em Londres a seu filho F o qual, dirigindo-se por escripto ao Sr. Joze Balbino Barboza de Araujo, na ausencia do M. de Palmella, pedindo-lhe este dinheiro, recebeo esta resposta—"Que elle Joze Balbino sentia muito não lhe poder mandar as 14 Libras, por que esta quantia entrava nas Letras, que o Sr. Marquez não tinha aceitado; e que se as circumstancias d'elle Balbino fossem outras, promptamente lhe enviaria as 14 Libras do seu dinheiro para o obsequiar."—O credor das 14 Libras, não podendo, ou não querendo, conformar-se com esta resposta, retorquiu ao Sr. Balbino e em termos taes, que as 14 Libras foraõ-lhe entregues dentro em dez minutos, não obstante achar-se no caso dos outros credores, como se lhe tinha feito saber, e não obstante o Sr. Conselheiro Balbino *não ter as 14 Libras para o obsequiar!!**

As Letras vencidas, e não pagas, ou as apolices, a que se reduziraõ taes Letras, não tem valor algum. Os que as tem procurado descontar com a perda de vinte e cinco por cento,

* Recebemos os particulares deste caso extraordinario por via de pessoa, que em parte o presencioou na propria casa da chamada embaixada, e assistio á assignatura do recibo pelo portador da carta.

naõ encontre quem as queira nem por metade do seu valor; tal hé o credito que merecem taes papeis, taes sacadores e taes aceitantes.

Fallaremos agora da nova Tabella. Há tempos lembrou-se o Marquez de Palmella que podia pagar o subsidio aos Emigrados por meio de cedulas, projecto que naõ foi adiante, por que sendo mandados consultar sobre isto os membros da commissãõ dos subsidios, que deviaõ acreditar estas cedulas com a sua assignatura, assentáraõ estes, que naõ tinha lugar hum semelhante arbitrio, já por que ninguem as aceitaria aos Emigrados em pagamento, e já por que, quando as aceitassem e se naõ pagassem, o que era mais natural, elles membros da commissãõ, que eraõ os unicos responsaveis, teriaõ neste caso de gemer no *King's Bench*, ou de fugir de Inglaterra, primeiro que o M. de Palmella; o qual, sendo fertil em boas lembranças, achou logo outro recurso naõ menos cavilloso, porém nada arriscado para elle, para os membros da commissãõ, e para os Emigrados, se bem que mui pesado para os que cahiraõ no laço, como passamos a demonstrar.

Convinha ao Marquez de Palmella e companhia dár differente destino ao dinheiro pertencente ao pagamento dos subsidios dos Emigrados, isto hé, convinha ao bom andamento da causa applicar este dinheiro aos objectos de maior urgencia, como especificaremos no competente artigo—da administração dos fundos, &c.—e naõ sendo possivel deixar os Emigrados por mais tempo totalmente sem recursos, por isso que os seus clamores e as suas queixas cresciaõ de dia para dia, sem atten-

derem ás razões e desculpas, que se lhes davaõ em South Audley Street, desculpas que elles tinhaõ por outros tantos enganõs, pois que sempre houve mais, ou menos dinheiro, e nunca faltou a essa gente por cujas mãos passava, aponto do *humano Guerreiro receber cento e sessenta e seis Libras e tantos shillings mensalmente*, ao passo que os seus compatriotas se achavaõ lutando entre a fome e a morte! * authorisou o mesmo

* Agora se vê o motivo por que o Sr. Guerreiro era de opinião, que hum Emigrado podia passar com hum Shilling diario! Que egoista! Que monstro com figura humana, para descredito da nossa especie! Em quanto os nossos infelices compatriotas estavaõ sendo soccorridos pelo estabelecimento da caridade de Plymouth, e em Bruges reccorriaõ a esmolas, para não perecerem á fome, recebia o Sr. Guerreiro 166 Libras e tantos Shillings mensaes, e era de parecer que hum Emigrado podia passar com hum Shilling diario! Que idéas de justiça e de moral! E haverá ainda alguém que leve a mal a publicação das atrocidades déste, e d'outros reconhecidos inimigos do genero humano, que tanto tem concorrido para a desgraça da nossa infeliz Patria? Haverá, por que infelizmente o numero dos egoistas e apaniguados do despotismo, hé grande entre nós. Se há patriota, que ainda conserva em Londres o *despacho, ou nomeação da Junta do Porto!* Tal hé o amor ao lugar, e o liberalismo de muitos! Mas voltando ao Sr. Guerreiro, saiba-se mais este caso. Certo Emigrado Portuguez (o Sr. A. C. de F.) que tem em Londres sua mulher e sete filhos, queixou-se hum dia ao Sr. Guerreiro (que se mostrava seu amigo) expondo-lhe a tristissima situação a que o reduzia a falta de pagamento dos subsidios. O infeliz concluiu dizendo, que muitas vezes pensava em matar-se. O Sr. Guerreiro respondeo estas memo-

M. de Palmella a commissão dos subsidios, para facilitar recibos impressos aos Emigrados, afim de obterem com estes breves da marca a importancia dos mezes vencidos d'aquellas pessoas, que quizessem fazer-lhes esse obsequio, ficando estas com os ditos recibos em seu poder como hum titulo (miseravel titulo) para receber da dita commissão os mezes, que se pagassem; e com effeito huma grande parte dos Emigrados existentes em Londres, em Plymouth, em França e nos Paizes Baixos, encontráraõ quem lhes adiantasse tres, quatro e seis mezes entre os negociantes Portuguezes estabelecidos em Londres e outras pessoas; e por este modo conseguiu o M. de Palmella callar por algum tempo os Emigrados com o dinheiro, que íaõ obtendo por meio de taes recibos, facilitados como dissemos, pela commissão dos subsidios.

Esgotado porém este recurso de obter dinheiro por meio dos mencionados recibos, pois que as pessoas que adiantáraõ algumas sommas aos Emigrados, vendo a demora do pagamento dos mezes vencidos, começavaõ a escusar-se, e conse-

raveis palavras ao desgraçado, que esperava achar nelle todo o conforto.—“Pois se vossê quer matar-se, eu lhe indicò o meio mais suave. Vá para casa, mande vir huma pouca d'agõa quente, meta o pé dentro, abra huma veia e deixe correr o sangue á vontade.”

O Nero Portuguez recordou-se neste momento do premio que o Nero romano deo a Seneca, seu mestre! Mas o Nero portuguez será desmascarado no capitulo que lhe diz respeito, para ter o devido premio logo que a occasião o permitta.

quentemente começavaõ de novo os clamores e os queixumes dos mesmos Emigrados; achou o M. de Palmella, que neste caso era necessario accommodar de alguma forma os Emigrados e dár huma lição ás pessoas, que se não achavaõ dispostas a aceitar mais recibos; e que hade fazer? Confiado na impunidade, deixa cahir de todo a mascara, e organisa huma Tabella, que tira todas as esperanças aos possuidores dos recibos de receber o seu dinheiro, ao passo que dá todas aos Emigrados de morrer á fome! Tira todas as esperanças aos possuidores dos recibos de receber o seu dinheiro, por que manda que aos Emigrados se pague o novo subsidio arbitrado de Março do corrente anno em diante, se bem que no officio dirigido á commissão dos subsidios, e que accompanhou a sobre-dita Tabella se diz, quanto aos atrazados—“Que estes seraõ pagos quando as circumstancias o permittirem”—que hé o mesmo que dizer—*Consolem-se com os possuidores das Letras*. E dá todas aos Emigrados de morrer á fome, por que o *maximum* estipulado saõ duas Libras e 10 shillings, e o *minimum* 25 shillings;* quantia com que não podem viver, ainda quando se pague, nem mesmo nos Paizes Baixos, onde tudo hé barato, e se passa commodamente: dizemos quando se

* Aqui refinou a perversidade do Sr. Guerreiro, que dizem ser o author desta Tabella, arrastando o M. de Palmella a sancionar huma medida tão deshumana, como impolitica. Todavia o M. de Palmella hé o primeiro sobre quem deve recahir a censura, até por se deixar dominar por hum rabula de sobejo conhecido. Digno collega dos Trigosos, dos Bastos, e dos Almeidas.

pague, por que o fim d'esta gente, mais claro que a luz do dia, hé espaçar para não pagar a ninguem, e dár differente destino (já se sabe a bem da causa) aos dinheiros que tem obtido das transações dolosas e fraudulentas, que são hoje de sobejo publicas e notorias; e dos dividendos pertencentes ao emprestimo de Portugal, que tão inconsideradamente foram postos á disposição de hum só homem.

Apparecerão logo a pár das queixas dos Emigrados os gritos das pessoas, que lhes tinhaõ adiantado o seu dinheiro na boa fé e por hum acto de generosidade: fecháraõ-se as portas que ainda restavaõ aos nossos compatriotas, e convenceráõ-se os seus bemfeitores do engano em que tinhaõ cahido!*

Resta dizer que esta Tabella, que appareceo assignada pelo M. de Palmella, e que só depois da sua sahida de Londres, hé que foi expedida á commissão dos subsidios e se fez publica, veio desenganar aquelles, que ainda se achavaõ illudidos, quanto á bondade do governo desta gente e suas consequen-

* O Sr. Henrique Joze da Silva, negociante da Praça de Londres, assás conhecido pela sua philanthropia, e que há mezes partio para a capital do vasto e rico Imperio, a fim de obrigar o Marquez de Barbacena a cumprir o contracto que fez com elle em Portsmouth; tendo em seu poder os recibos de hum Emigrado a quem por obsequio tinha adiantado trinta Libras, taes occurrencias tiverão lugar nesta occasião, que o nosso infeliz compatriota teve de bater a algumas portas para a promptar as trinta Libras com que resgatou immediatamente os seus recibos.

cias ; achando-se hoje quasi todos convencidos que nada bom tem a esperar de homens, que, pisando aos pés sem pudor e sem remorsos tudo quanto há de mais sagrado sobre a terra se tem tornado, sem contestação, despotas e tyranos. E se na desgraça elles se conduzem deste modo, que acontecerá no auge do poder ? Que terror não causa já só essa lembrança ! Quem poderá jámais confiar-se da constitucionalidade d'esses egoistas, que por nossa desgraça ainda se achão átesta dos negocios dos Emigrados Portuguezes ? Ninguém, por certo, a não querer correr todo o risco e a ser testemunha na sua Patria da infracção, não da Carta Constitucional, que para elles nunca existio, nem existirá, mas de todos os principios de honra e de justiça.*

* Hum grande crime se acaba de commetter na Ilha Terceira ! Ainda não estão cicatrizadas as feridas que abriu em nossa Patria o ex-ministro dos negocios estrangeiros D. Francisco de Almeida ; ninguém riscou ainda da idêa as suas perfidias, as suas traições, as suas baixezas, a sua indigna e infame conducta ; ainda não estão emfim esquecidos os seus crimes ; hé este homem nomeado para ministro em Paris pela regencia da Ilha Terceira ! Chamamos-lhe regencia da Ilha Terceira, e n'isso lhe fazemos ainda muita honra, por que huma regencia que se atreve, com offensa de tudo quanto há de mais sagrado no mundo, a empregar D. Francisco de Almeida, não hé regencia, não hé nada. Hé huma reunião de mandoens, que nos dão a conhecer, que essa enfermidade moral, ou aversão ao imperio da justiça, da razão e das leis, hé já nelles incuravel. Esperamos comtudo em Deos, que este grande crime será punido no mesmo lugar aonde foi commet-

Temos ainda a notar que a final mandou-se suspender a nova Tabella para se não pagar por nenhuma! Houve apenas hum *pret* de quinze dias, depois de hum atrazo de dez mezes!

N. B. Advirta-se que este artigo, excepto as notas, foi escripto no mez de Abril, e que de Junho para cá já se tem pago dois mezes pela Tabella antiga, pois que a nova ficou de nenhum effeito! Em fim tomem-se as nossas noções como escriptas em 20 de Maio de 1830.

tido; ou pelo menos que ahi expire o mando d'esses homens, que jurarão odio eterno á liberdade e independencia dos seus concidadãos.

Lembrem-se esses senhores da Ilha Terceira que toda a administração publica, em que não há probidade, boa fé e rectidão, não póde contar muito tempo com a paciencia humana: e lembrem-se igualmente, e com elles, os dilapidadores, os validos, os cortezaões e muitos outros animaes desta especie, que o liberalismo não está em dizer-se—eu sou Liberal—está nas acções e na conducta publica do homem, pela qual hade ser julgado.

SA 5890.6

Nocoes particulares para a historia

Widener Library 006205252



3 2044 080 489 073